

Um Ponto de Partida

A Starting Point

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

MADRE TERESA DE CALCUTÁ

Paulo Oom, Isabel Esteves
Acta Pediátrica Portuguesa

Acta Pediatr Port 2015;46:295-6

As imagens e relatos que nos chegam a propósito da crise dos refugiados sírios não nos deixam seguramente indiferentes. O reconhecimento de que muitos destes são crianças desperta em todos um sentimento de solidariedade ainda maior e faz-nos pensar de que forma podemos estar envolvidos como homens e mulheres e, porque não, como profissionais de saúde infantil.

A instabilidade síria não é de agora. Desde a independência deste país, em 1946, que ali se instalou um regime totalitário, principalmente com a chegada ao poder da família al-Hassad (primeiro o pai, Hafez, em 1970, e depois o filho, Bachar, em 2000). Esta perpetuação no poder teve como consequência uma cultura de medo e originou centenas de mortes e prisioneiros políticos ao longo das últimas décadas.

Em março de 2011, foi preso e torturado um grupo de crianças na cidade de Daraa, por estas terem ousado escrever, nos muros da escola, frases contra o regime. A partir destes acontecimentos, os protestos foram subindo de tom, até eclodir uma verdadeira guerra civil entre os apoiantes do governo (de crença xiita) e os rebeldes de descendência sunita.

Esta guerra parece não ter fim, em grande parte porque é a face visível de outras guerras que se travam nos bastidores. Por um lado, os Estados Unidos e países da União Europeia, que apoiam os rebeldes, e, por outro, a China e a Rússia, que armam e alimentam as forças do governo. No caso especial da Rússia, a base naval de Tartus, no Mediterrâneo, tem um papel demasiado importante para que possa ser esquecida ou abandonada. Mas é também uma guerra santa, alimentada pela população sunita (da Arábia Saudita, Qatar, Koweit) contra a população xiita (do Irão, por exemplo), cada facção apoiando os membros da mesma descendência na Síria. Parece difícil que estas relações se desfaçam rapidamente.

Voltando aos refugiados, pensa-se que sejam atualmente mais de 9 milhões (a Síria estima-se que tenha uma população de 23 milhões), incluindo os 6,5 milhões que permanecem na Síria mas longe de suas casas e os 3 milhões que fugiram para países vizinhos, como a Turquia, Líbano, Jordânia ou Iraque. Os 150 mil que pediram asilo à União Europeia, e que tantos problemas

têm levantado, são assim apenas a ponta do icebergue. Entre estes refugiados (internos e externos) encontram-se muitas crianças com necessidades várias, incluindo médicas (ausência de vacinação, infeções, falta de higiene) ou nutricionais (a malnutrição é um problema gravíssimo). Estes problemas são tanto mais graves quando se estima que cerca de 80% da ajuda internacional fica na corrupção e instrumentalização política, nunca chegando ao seu verdadeiro destino. Também as necessidades educativas estão quase completamente postas de lado, com falta de escolas e (principalmente) falta de professores. Finalmente, mas não menos importante, estas crianças encontram-se sob um enorme stress psicológico, algumas perderam membros da sua família, incluindo os pais, ou testemunharam tudo aquilo que os adultos conseguem fazer em situações de desespero.

Esta história não é nova, e a cobertura mediática apenas a torna no episódio mais recente de uma longa lista de tragédias envolvendo refugiados e incluindo crianças que a nossa curta memória teima em tentar esquecer. Como profissionais de saúde infantil, este drama não nos pode deixar indiferentes e a comunidade pediátrica portuguesa deverá dar sinais de que está disposta a colaborar (no terreno ou à distância) na ajuda a estas crianças.

A preparação nos cuidados a fornecer em situações de catástrofe humanitária, de miséria extrema e falência das necessidades mais básicas é inexistente entre nós, mas o desenvolvimento de formação adequada pode ser um excelente ponto de partida. A Sociedade Portuguesa de Pediatria (todos nós) parece ser a instituição melhor preparada para começar a preencher essa lacuna e a Acta Pediátrica Portuguesa poderá promover essa iniciativa.

Correspondência

Paulo Oom
editorchefe.app@spp.pt

Referências

1. European University Institute. Syrian Refugees. A snapshot of the crisis in the middle east and europe. [consultado em outubro de 2015]. Disponível em <http://syrianrefugees.eu>
2. UNHCR Syria Regional refugee response. [consultado em outubro de 2015]. Disponível em <http://data.unhcr.org/syrian-refugees/regional.php>
3. UNHCR Stories from syrian refugees. Discovering the human faces of a tragedy. [consultado em outubro de 2015]. Disponível em <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/syria.php>
4. Edwards A. 'Refugee' or 'migrant' - Which is right? [consultado em outubro de 2015]. Disponível em: <http://www.unhcr.org/55df0e556.html>
5. Kawakibi S. The Syrian crisis and its repercussions: internally displaced persons and Refugees. [consultado em outubro de 2015]. Disponível em: http://syrianrefugees.eu/?page_id=513